



# **Os fios soltos da história da arte em ações criativas contemporâneas**

*Los hilos sueltos de la historia del arte en las  
acciones creativas contemporâneas*

*The loose threads of art history in  
contemporary creative actions*

**Marcos Rizolli**

*Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura,  
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil.  
marcos.rizolli@mackenzie.br*

**Paula Serafim Daré**

*Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura,  
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil.  
pauladare@hotmail.com*

## Resumo

A arte contemporânea rompeu com muitos pressupostos da tradição da história da arte. Este ensaio discorre sobre quatro conceitos que artistas contemporâneos se utilizam para fazer releituras de obras consagradas. O texto aborda alguns processos de citação, apropriação, transgressão e intervenção em imagens pretéritas como possibilidade de revisitar cenas da cultura com novas extensões de significados.

**Palavras-Chave:** Citação. Apropriação. Transgressão. Intervenção. Arte Contemporânea.

## Resumen

El arte contemporáneo ha roto con muchos supuestos de la tradición de la historia del arte. Este ensayo analiza cuatro conceptos que los artistas del arte contemporáneo utilizan para reinterpretar obras famosas. El texto aborda algunos procesos de citación, apropiación, transgresión e intervención en imágenes pasadas como posibilidad de revisitar escenas culturales con nuevas extensiones de significado.

**Palavras-Clave:** Citación. Apropiación. Transgresión. Intervención. Arte Contemporáneo.

## Abstract

Contemporary art has broken with many assumptions of the tradition of art history. This essay discusses four concepts that contemporary art artists use to reinterpret famous works. The text addresses some processes of citation, appropriation, transgression and intervention in past images as a possibility of revisiting cultural scenes with new extensions of meaning.

**Keywords:** Citation. Appropriation. Transgression. Intervention. Contemporary art.

## INTRODUÇÃO

**A** arte é subversiva, no sentido de que se apresenta trazendo outros olhares a uma forma de visão da sociedade. A palavra subverter nasce da união de *sub* – embaixo com *vertere* – mudar, transformar (Dicionário Etimológico, 2024). De modo que subverter é transformar a ordem vigente, revolvendo e invertendo sua forma. A arte emerge, portanto, como um elemento transformador da cultura, trazendo novos significados. Uma das tantas subversões trazidas pela arte contemporânea é a possibilidade da recriação, uma nova leitura de uma produção artística já existente. Embora alguns possam encarar este tipo de produção artística um desrespeito, ousamos dizer que é oposto, uma espécie de homenagem, pois toma esta produção como um ícone, uma célula mãe. O que alguns poderiam chamar de plágio, ou falta de criatividade é, na verdade, a possibilidade de realizar uma conversa entre estrangeiros representados por diferentes linguagens que se “envolvem” com a produção escolhida estabelecendo uma aproximação entre o tempo e o espaço utilizando diferentes técnicas e materiais. As releituras são diálogos com o passado, recente ou remoto e apontam um movimento em direção ao futuro.

A arte contemporânea pode se valer de algumas estratégias para a releitura de uma obra: a apropriação, a citação, a intervenção e a transgressão. Estas modalidades

podem se apresentar de modo combinado, como veremos adiante. Os processos de apropriação podem incluir imagens já em circulação na cultura, com o propósito crítico de recontextualização e atribuição de novos significados. A apropriação é um fenômeno expressivo muito evidente no Dadaísmo, na Arte Pop e na Arte Conceitual.

Na apropriação, objetos ou obras já existentes são reconfigurados a partir de suas formas originais criando novas condições simbólicas, há a junção de elementos inusitados unidos à obra original. Há dois tipos de apropriação, o deslocamento e a citação. No caso da citação nem sempre a percepção da obra que constitui o trabalho é tão óbvia, podendo ser um detalhe do que constitui um todo, a partir de uma imagem ou um detalhe, cria-se uma nova obra, por vezes, um mesmo artista pode citar-se em diferentes obras utilizando elementos que se repetem; no caso do deslocamento, o objeto é retirado do seu contexto original e é colocado em outro, neste contexto ele ganha novos significados, os *ready-mades* são um exemplo de apropriação (Oliveira, 2017).

Geralmente, a citação reivindica abertura de diálogos entre a nova obra e a tradição artística ou cultural que está sendo citada, seja por homenagem ou crítica.

Por suas vezes, as intervenções se utilizam de um ambiente no qual algo modifica a leitura habitual e cristalizada, funcionando como uma experimentação no cotidiano, na qual podemos observar as interações e relações estabelecidas, nos deparando com nossos automatismos e criando novas histórias e memórias (Melo, 2018). As transgressões, muito relacionadas às performances e à *Street Art*, se aproximam do fazer artístico pois sua intenção é carregada de questionamentos sobre a ordem constituída.

A transgressão em arte refere-se ao ato de desafiar, romper ou questionar normas, convenções e valores estabelecidos pela sociedade, pela cultura ou pelo próprio universo da arte. Os artistas transgressores frequentemente buscam provocar, chocar, ou despertar reflexões profundas no público, utilizando a arte como meio para explorar temas desafiadores para as sociedades contemporâneas. A transgressão cria fissuras e fragmentações que exigem de nós novos olhares e novas configurações.

Para melhor exemplificarmos estes processos acima descritos elencamos algumas imagens para que possamos dialogar sobre elas.

## NO AMPLO ARCO DO TEMPO, AS VÊNUS

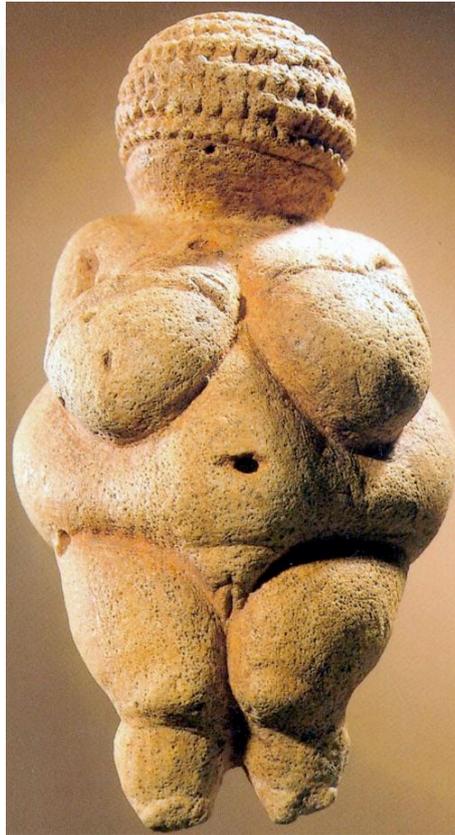


Figura 1: Vênus de Willendorf, escultura de calcário, 24-22.000 a.C.  
Fonte: <https://www.nhm-wien.ac.at/s/d>.

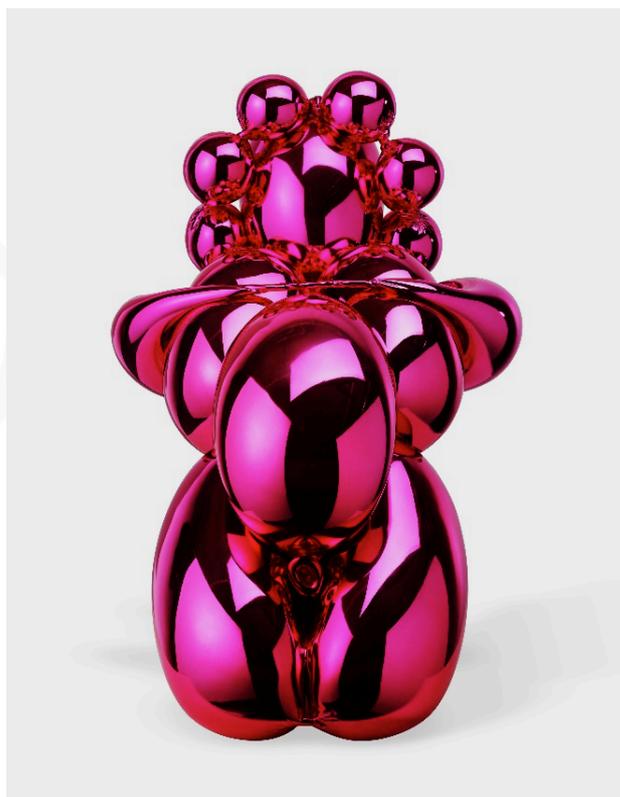


Figura 2: Jeff Koons, *Balloon Venus*, escultura de resina de poliuretano, 2013.  
Fonte: <https://www.christies.com/s/d>.

A *Vênus de Willendorf* (Figura 1), escultura da era paleolítica, achada em Viena no início do século XX, foi precipitadamente chamada de Vênus, em referência ao nome romano da deusa grega Afrodite, identificada com atributos de beleza, mas pouco se conhece sobre seu significado, é frequentemente associada à fertilidade e a abundância, devido as proporções generosas de seus atributos femininos. Sabe-se hoje, devido a qualidade de sua rocha que provém da Itália. Seu tamanho sugere que era levada junto com os hominídeos caçadores coletores. A imagem da *Vênus de Willendorf* se configura como uma coagulação do homem pré-histórico, é um símbolo, que carrega em si o mistério das origens da consciência humana (Zygmunt, 2024).

Jeff Koons, artista americano que utiliza vários tipos de materiais em seus trabalhos e que têm obras de grandes dimensões como característica, talvez nos leve a refletir sobre o quanto determinados temas crescem em nossa subjetividade. Em sua obra *Ballon Venus* (Figura 2), reconhecemos no formato e nas curvas generosas a **citação**

da *Vênus de Willendorf*. Na obra podemos sentir a mixagem entre passado e presente, nas palavras do artista: “Quero que meu trabalho ajude as pessoas a expandir seus parâmetros. A arte é um veículo para conectar arquétipos que nos ajudam a viver” (Thornton, 2014, p. 33).

A escultura contemporânea de Koons, ao citar a vênus, aponta para diversificados atritos entre o passado ancestral e o presente tecnológico. Lá, uma figura feminina rusticamente esculpida, de figuralidade primária, de superfícies foscas. Aqui, a modelagem computadorizada, a figuralidade festiva, em superfícies brilhantes. O feminino: perene ou evanescente; artesanal ou industrializado; universal ou singular.

### A APROPRIAÇÃO DO “GÊNIO” MODERNO



Figura 3: Édouard Manet, *Le Déjeuner sur L'Herbe*, pintura a óleo, 1862-63.

Fonte: <https://www.musee-orsay.fr/fr/s/d>.

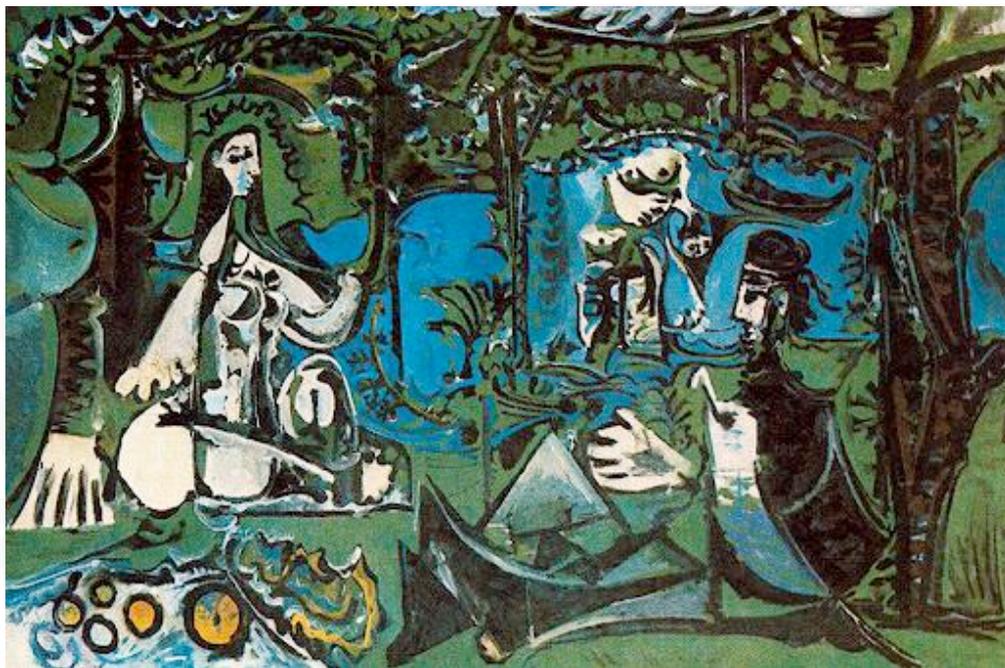


Figura 4: Pablo Picasso, *Le Déjeuner sur L'Herbe*, pintura a óleo, 1961.  
 Fonte: <https://www.museepicassoparis.fr/s/d>.

A obra *Le Déjeuner sur L'Herbe*, de Édouard Manet (Figura 3) que, ao menos figural e compositivamente, pertence a um ciclo de inspirações artísticas baseadas em obras de arte antecedentes (as figuras do frontão do Partenon, de 432 a.C.; as gravuras de Raimondi, de 1520 – por exemplo), por seu curso, provocou outros e posteriores ciclos de inspiração (as pinturas pitorescas de Cézanne, de 1876-77; a série de pinturas de Picasso, de 1961). A emblemática imagem manetiana será, então, explicitamente, revisitada por Pablo Picasso por meio do fenômeno criativo da **apropriação** (Figura 4). Picasso, artista genial do Século XX, de mocidade cubista, experimentou parcela significativa da verve experimental em trânsito entre Arte Moderna e a Arte Contemporânea. Mais do que se inspirar ou citar, Picasso eleva seu timbre criativo ao se apropriar das figuras, das cores, da composição e do contexto simbólico proposto por Manet. Picasso se apropria para desconstruir a imagem, operando em suas estruturas de sustentação perceptual. Inexoravelmente, toma a referência como uma passagem para a elaboração de novas narrativas. Desossa e deforma as personagens do quadro, descontextualiza a paisagem de fundo. Se Manet se apropriou dos mitos que lhe serviram de inspiração, Picasso se apropriou

da cotidianidade imposta por seu antecessor. E, assim, a apropriação é direta – cumprindo um curto espaço temporal.

Poderíamos levantar a hipótese de que a apropriação é uma forma de representação dos arquétipos, ou seja, àquilo que é típico do humano, mas que toma o formato do espírito da época, atualizando, e nutrindo antigas questões com novas possibilidades.

## O RENASCIMENTO DA VANGUARDA, EM NOVOS COSTUMES



Figura 5: Elisabeth Ohlson, *Nattvarden*, fotografia, 1998.

Fonte: [https://www.artnet.com/artists/elisabeth-ohlson-wallin/nattvarden-1998 s/d](https://www.artnet.com/artists/elisabeth-ohlson-wallin/nattvarden-1998-s/d).



Figura 6: Leonardo da Vinci, *Cenacolo*, pintura a têmpera, 1495-98.  
 Fonte: <https://legraziemilano.it/ultima-cena-cenacolo-vinciano/s/d>.

A arte pode também transgredir, ser herética, debochada e escancarar com esta atitude, não uma ofensa à obra original, mas um convite para que olhemos para o fato de que somos muito mais do que parecemos. Podemos observar a **transgressão** realizada pela artista Elisabeth Ohlson (Figura 5) no *Cenacolo* (Figura 6) de Leonardo da Vinci.

A artista-fotógrafa de origem sueca apresentou em Estocolmo no ano de 1998 a polêmica exposição *Ecce Homo*, com temática LGBTQIA+. No conjunto de 12 fotografias constava a provocante imagem *Nattvarden*. Ela mesma, a artista, ao dar vazão à sua natureza lésbica, ousa transgredir uma das mais icônicas imagens do mundo ocidental. A sua versão para o *Cenacolo* Vinciano abre-se à voz da diversidade de gênero e de comportamentos na contemporaneidade. Sua fotografia transgride ao se declarar uma “imagem militante”.

Se o gênio do Renascimento Italiano soube tão bem amalgamar as narrativas da última ceia de Jesus (de tal modo que, historicamente, se tornasse a obra de arte mais copiada e reproduzida – manual e mecanicamente; por artesanaria ou por artísticidade – de todos os tempos da história da arte), Ohlson, no aqui e agora, pretende desmitificar os dogmas religiosos originais – justamente para impor novas camadas de leitura visual, novas formas de interpretação simbólica.

O curioso é que a artista, de algum modo, mantém a cartografia do quadro, sendo-lhe fiel à composição e à disposição das personagens. O radicalismo de sua ação criativa se revela, então, centrada na lógica de um discurso alternativo: para a abertura de novas consciências acerca dos sujeitos contemporâneos e das outras formas de ser das sexualidades contemporâneas.

## NEM TUDO É HISTÓRIA DA ARTE. O USO INDEVIDO DAS IMAGENS



Figura 7: Andrea Mantegna, *Lamentazione sul Cristo morto*, pintura a têmpera, 1475-78. Fonte: <https://pinacotecabrera.org/s/d>.



Figura 8: Jair Bolsonaro hospitalizado, 2021.  
Fonte: <https://oantagonista.com.br/s/a.s/d>.

Nos meandros da contemporaneidade, nos subterfúgios da sociedade de informação – que, em rede, promove a alucinante circulação de figuras de toda sorte, outro fator se interpõe à circularidade das imagens da Arte: às citações, apropriações e transgressões vê-se somar a **intervenção**. Que, contraditoriamente, pode se mesclar com a apropriação, pois há uma interferência ou transformação de uma obra já existente. Nas esferas artísticas, percebemos o caso das intervenções em ambientes e espaços públicos, cujo interesse é – parafraseando Drummond – colocar uma pedra no meio do caminho (Drummond, 2022), levando um novo olhar para nossos percursos. Notáveis artistas interventores são o supostamente britânico Banksy e o efetivamente brasileiro Eduardo Srur – cujas artisticidades tomam de emboscada nosso cotidiano e nossa percepção.

Entretanto, o fenômeno da intervenção, pode escapular das dimensões da arte, para nutrir o social e – mais grave – o político. Nem sempre o uso de imagens da arte é prospectivamente benigno e pode servir ao sistema ideológico de modo a manipular de maneira subliminar a sensibilidade dos indivíduos. Neste caso, teríamos, mais uma vez dois conceitos juntos, apropriar-se para intervir. No exemplo a seguir vemos a apropriação da obra de Andrea Mantegna (Figura 7), usurpada para a construção de uma ideia de mártir que se pretendia “colar” à personalidade do ex-presidente

brasileiro Jair Bolsonaro (figura 8) aludindo à imagem consagrada do Cristo (Schwarcz, 2021).

A intervenção, de ordem política, orienta toda a definição da fotografia, operando elementos simbólicos que, nutridos pela imagem original, substituem os elementos figurais. E, podemos, assim, descrever a estratégia ideológica da imagem: o triângulo equilátero, definido pela projeção do corpo, é forma de estabilidade, solidez e permanência; o crucifixo, que substitui a presença das mulheres santas, é signo de religiosidade, sacrifício que antecede a ressurreição; a interação escópica, o olhar do observador oculto da cena (você, nós) fará um percurso ascendente, já que está posicionado nas solas dos pés do herói-moribundo.

Intervenção, em arte ou fora dela, para o bem e para o mal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Formadas as duplas imagéticas, apresentados alguns apontamentos reflexivos, imaginamos ter demonstrado – ainda que de forma ensaística – alguns fios soltos que o passado brinda o presente. O presente, neste ato, está deixando outras pontas ainda imperceptíveis – que nutrirá os artistas do futuro.

A arte pode questionar o sistema, mas não é imune a ele. Apropria-se e é apropriada, mas segue subversiva, buscando saídas, possibilidades e transformação. O tempo se materializa nos objetos, vidas e corpos pelos quais perpassa. As obras de arte são coagulações do tempo, um portal pelo qual podemos adentrar. As releituras na arte são como um álbum de fotos que vemos uma mesma pessoa em diferentes momentos de sua vida através do tempo, no álbum podemos observar o indivíduo, a sociedade e a cultura.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

DRUMMOND, Carlos. *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2022.

MELO, Mariana Souza. *Intervenções urbanas na arte contemporânea em Pernambuco: questões do uso do espaço público*. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

OLIVEIRA, Flávio. *Vestígios: uma investigação do ato de apropriação na arte*. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

THORNTON, Sara. *O que é um artista?*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

### Fontes eletrônicas e sites

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. Disponível em:  
[https://www.dicionarioetimologico.com.br/subversao/#google\\_vignett](https://www.dicionarioetimologico.com.br/subversao/#google_vignett) e.  
Verbetes: Subversão. Acesso em: 27 mar. 2024.

SCHWARCZ, Lilia. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=V9mACRbXZKE.,2021>. Acesso em: 29 mar. 2024.

ZYGMONT, Bryan. *Vênus de Villendorf*. Disponível em:  
<https://pt.khanacademy.org/humanities/prehistoric-art/paleolithic/paleolithic-objects/a/venus-of-willendorf>. Acesso em: 29 mar. 2024.